

2.2.2. impostos e taxas pagos (INCRA, taxas de prefeituras, DNER e sindicato patronal rural)	376,67	
2.2.3. outras despesas (energia elétrica, desp. c/ escritório contábeis)		871,37
2.3. Juros capital circulante (custeio) Valor - operações	39.755,00	
Valor material consumido s/ subsídio 6 meses a juros 33% a.a.	6.290,00	7.597,43
	46.045,00	9.978,07
TOTAL DESPESAS INDIRETAS II - CUSTOS FIXOS		
3. DEPRECIÇÃO		
3.1. Instalações (anexo 1)	2.895,20	
3.2. máquinas e implementos considerou-se apenas 70%	2.895,20	2.026,64
4. RETRIBUIÇÃO AOS FATORES DA PRODUÇÃO		
4.1 Terra (valor de arrendamento)		
4.2 Capital fixo	2.470,00	
4.3. Empresário	1.013,00	
TOTAL CUSTOS FIXOS	993,00	4.476,00
CUSTOS VARIÁVEIS		6.502,64
DESPESAS DIRETAS		39.755,00
Operações		23.169,78
Insumos		62.924,78
DESPESAS INDIRETAS		1.509,27
Administração		871,37
Despesas Gerais		7.597,43
Juros bancários		9.978,07
CUSTOS FIXOS		2.026,64
Depreciação (infra-estrutura)		2.026,64
Beneficiárias		
Máquinas e implementos		
RETRIBUIÇÃO AOS FATORES DA PRODUÇÃO		2.470,00
Terra		1.013,00
Capital fixo		993,00
Empresário		

- Custo de produção por 1.000 covas.....	79.405,49
Funrural (2.5% s/ custo produção).....	1.985,14
Custo total de produção - 1.000 covas.....	81.390,63

NÍVEIS DE PRODUTIVIDADE - CUSTO POR UNID.

Café em coco (scs. 40 kg)			
36 scs. - Funrural - 35, 10 sc 2.262,26	2.260,85		
30 scs. - Funrural - 29, 25 sc 2.714,72	2.713,02		
24 scs. - Funrural - 23, 40 sc 3.393,40	3.391,28		
Café beneficiado (scs. 60 kg)			
12 scs. - Funrural - 11, 70 sc 6.785,79	6.782,55		
10 scs. - Funrural - 9, 75 sc 8.144,15	8.193,05		
8 scs. - Funrural - 7, 80 sc 10.180,19	10.173,83		

RESUMO

CUSTO MÉDIO DE PRODUÇÃO DE CAFÉ - SAFRA

NÍVEIS DE PRODUTIVIDADE

Café em coco (40 kg)	36 sc	30 sc	24 sc	
Café benef. (sc. 60 kg)	12 sc	10 sc	8 sc	
Custo total (produção por unidade)				
Sc beneficiada	6.786,79	8.144,15	10.180,19	
Valor projetado para 6 meses a				
3,5% - 21%				
Custo total	8.212,02	9.854,42	12.318,03	
Quadro comparativo - elevação custo de produção safra				
	78/79	79/80	projetado	nov. 80
Café em coco - 36 sc	1.177,85	2.262,26		2.737,33
30 sc	1.413,42	2.714,72		3.284,81
24 sc	1.766,78	3.393,40		4.106,01
Café benef. - 12 sc	3.533,56	6.786,79		8.212,02
10 sc	4.240,27	8.144,15		9.854,42
8 sc	5.300,34	10.180,19		12.318,03
- Aumento em relação			ano anterior	92,07%
- Valor projetado para			nov. 80	21,00%
- Valor acumulado			nov. 80	113,07%
§ Fonte - FAESP				
Estudo elaborado por Aldacir J. Rauen - Chefe do Depar maio/1980.				

Rainho esclarece situação

Desmentindo informações que circularam no exterior nas últimas semanas, o presidente do IBC, embaixador Octávio Rainho, afirma: "Não é verdade que deixamos de pagar US\$ 60 milhões à Pan-Café". Esclareceu, ainda, que esta quantia não retrata a participação brasileira na empresa criada pelos países produtores e exportadores de café, com o objetivo de controlar as manobras baixistas no mercado internacional.

De acordo com fontes do Ministério da Indústria e Comércio, a participação brasileira na Pan-Café está próxima dos US\$ 200 milhões, o que vem a ser quase 40 por cento do capital integralizado da empresa. Deste total, o Brasil precisaria enviar cerca de US\$ 25 milhões, para saldar seus compromissos.

Ainda as fontes credenciadas no MIC recordaram que, os recursos do Fundo de Bogotá - aproximadamente US\$ 200 milhões, dos quais US\$ 80 provinham do Brasil - foram transferidos para a Pan-Café em fins de junho passado. "Não podemos esquecer,

que estes recursos foram aumentados em função das aplicações feitas pelo fundo", afirmam.

A estas justificativas, acrescentam: "O capital da Pan-Café (US\$ 500 milhões, ou 200 mil sacas no mercado internacional) não é suficiente para segurar o mercado". Assim, procuraram rebater a afirmação, de que a integralização do capital da empresa asseguraria para a mesma uma posição mais tranqüila nas transações comerciais, evitando as quedas bruscas nos preços.

EXPORTAÇÕES

Octávio Rainho voltou a afirmar, também, que o Brasil deverá exportar, este ano, 15 bilhões de sacas de café, dando ao país uma receita de US\$ 2,8 a US\$ 3 bilhões. De acordo com informações do MIC, entre registros de declaração de venda e embarques, o Brasil já exportou 10 milhões de sacas. Para completar a meta de 1980, o IBC aponta como referência os contratos firmados no início do ano com torrefadores internacionais. Até 30 de junho deste ano, as exporta-

ções eram superiores a 7 milhões de sacas (US\$ 1,4 bilhão em divisas).

Na íntegra, o telex enviado pelo presidente da Sociedade Rural Brasileira, Renato Ticolat Filho, ao presidente do IBC, Octávio Rainho, no dia 31 de julho passado.

"A cafeicultura, apreensiva com os baixos preços vigentes no mercado interno e com o comércio paralisado nos últimos 90 dias, aguarda com impaciência que as áreas do governo responsáveis pelo setor, agilizem mecanismos hábeis, no sentido de fazer com que os produtores obtenham no mínimo Cr\$ 6.000,00 por saca, absolutamente livres. Tomamos, porém, a liberdade de lembrar ao Governo, que o fornecimento de cafés do I.B.C. totalmente subsidiados aos torrefadores, visando proteger as camadas populacionais de baixa renda, foram toleráveis, enquanto o mercado interno encontrava-se ativo e com preços crescentes.

Hoje, numa situação totalmente inversa à continuação de tal esquema aumenta a queda artificial

das cotações e reduzida em prejuízos enormes aos produtores e suas cooperativas que não conseguem colocar suas produções para o consumo interno, que é a alternativa, enquanto permanecem fechados os registros para exportação.

Além disso, convém lembrar que os pequenos produtores, que são a maioria no parque cafeeiro, ao entregarem suas produções aos preços de hoje, estão agravando sua situação financeira, o que os obrigará a migrar para outra atividade, cuja rentabilidade se torna mais interessante em virtude dos preços mínimos decretados, ou então, fatalmente, terão de diminuir os tratos culturais, prejudicando a necessária, safra de amanhã, com novas e elevadas altas no ano que vem.

Por isso, solicitamos a V. Excia. a revisão imediata dos atuais esquemas que, por melhores que sejam sobre alguns aspectos, estão prejudicando os cafeicultores, que se consideram marginalizados da política de prioridade à agricultura e que são, ainda, o seu grande propulsor."